

MATÉRIA VIVA

por dentro do projeto:

SEMEAR ALIMENTOS E IDEIAS: COLHER SAÚDE E DESENVOLVIMENTO



Fonte: acervo do projeto Semear

MATÉRIA VIVA

por dentro do projeto:

SEMEAR ALIMENTOS E IDEIAS: COLHER SAÚDE E DESENVOLVIMENTO



Fonte: acervo do projeto Semear

Por Amanda Ingridy

A xícara ainda fumegava quando Daniela Zuliani se apoiou na janela para repetir um hábito que carregava desde antes de deixar o Espírito Santo: observar a rua enquanto tomava café. O cenário, porém, era novo. Era seu primeiro mês em Redenção/CE, em 2012, quando a cidade ainda se ajustava ao movimento crescente da recém-criada Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a Unilab.

Da janela, Daniela tentava aprender a ler o ritmo do lugar: sacolas que o vento

arrastava de um canto a outro, o terreno baldio que acumulava descartes, o caminhão do lixo que não tinha hora certa para passar. Nada daquilo lhe era familiar, e talvez por isso lhe chamassem tanto a atenção.

O que Daniela ainda não imaginava é que essa inquietação inicial se tornaria a semente do Semear, projeto de extensão que acabaria aproximando universidade e comunidade pela agroecologia urbana.

Ao assumir o cargo de docente no Instituto de Desenvolvimento Rural da Unilab, Daniela imaginava que seguiria a pesquisa que havia desenvolvido nos anos anteriores, voltada ao estudo de metais pesados e dependente de laboratório estruturado. Mas a jovem universidade ainda não tinha a infraestrutura necessária, e a trilha que parecia óvia se revelou uma mata fechada sem placas que indicassem o caminho.

Essa instabilidade logo atingiu também sua rotina pessoal: impulsionada por um assalto à agência bancária em frente ao prédio onde morava, em Redenção, Daniela decidiu se mudar para Acarape. No novo trajeto, ela percebeu que o incômodo inicial com o lixo espalhado não era circunstancial, mas um problema estrutural do território.

Foi nesse cruzamento entre a pesquisa interrompida e as demandas visíveis do Maciço de Baturité que Daniela encontrou o projeto que estava procurando.

Fonte: Instagram do projeto



Enxergar o problema já não bastava. Daniela precisava de um caminho institucional para agir, e ele apareceu no ano seguinte, quando o edital do ProExt/MEC abriu inscrições para projetos de extensão.

A proposta que escreveu nasceu diretamente daquela observação cotidiana: recuperar áreas usadas como descarte, integrar práticas de agroecologia à educação ambiental e aproximar a universidade das necessidades do território onde estava inserida.

Batizado de “Semear alimentos e ideias: colher saúde e desenvolvimento”, o projeto foi aprovado e recebeu doze bolsas, possibilitando formar a primeira turma de estudantes envolvidos na iniciativa.

Com a equipe reunida, o Semear começou a tomar forma em campo a partir de um trabalho que combinava visitas, escuta e leitura atenta do que cada terreno pedia.

Primeiros bolsistas do projeto Semear (2014)



Fonte: site da Unilab

As primeiras ações do Semear aconteceram nos quintais urbanos de Acarape, Redenção e Antônio Diogo. Os estudantes chegavam primeiro pela conversa, explicavam o projeto e perguntavam se a família queria participar.



*Quintal do senhor José Olímpico, atendido pelo Semear (2014).
Fonte: Relatório do projeto.*



*Quintal do senhor José Olímpico, atendido pelo Semear (2014).
Fonte: Relatório do projeto.*

Quando o convite era aceito, começavam pelo levantamento florístico, registrando o que havia ali entre plantas alimentares, medicinais e ornamentais.



*Quintal da senhora Maria de Fátima., atendida pelo Semear (2014).
Fonte: Relatório do projeto.*



Fonte: Relatório do projeto.



Croqui, desenhado pelos bolsistas, de um dos quintais atendidos pelo Semear (2014).

A partir desse diagnóstico, combinavam com os moradores pequenos mutirões para organizar os canteiros: capinavam trechos para facilitar o cultivo, preparavam o solo, ajustavam a disposição das plantas ou plantavam novas mudas.

Cada quintal apresentava um conjunto próprio de desafios, e o trabalho avançava no ritmo das famílias que se envolviam. Foi nesses espaços domésticos que o Semear encontrou seu primeiro campo de atuação.

Enquanto o trabalho nos quintais avançava, o Semear decidiu olhar a cidade por outro ângulo: era preciso mapear, com rigor técnico, onde e como o lixo se acumulava.

Os estudantes passaram semanas **caminhando pelas áreas urbanas de Acarape e Redenção com um GPS em mãos**, uma câmera digital pendurada no pescoço e diários de campo preparados para registrar tudo o que encontrassem.



Coleta de imagens com pontos de acúmulos de lixo (2014).

Fonte: Relatório do projeto.

Cada ponto identificado era georreferenciado, fotografado e descrito com precisão. Anotavam-se havia depósitos formais de descarte instalados pela prefeitura ou se aquele trecho estava completamente desassistido, se o resíduo acumulado era doméstico, entulho ou resto de poda, se animais circulavam entre os sacos, se havia presença de ratos, odor forte ou sinais de efluentes escorrendo pelo solo.

Também registravam a quantidade e as condições desses depósitos quando existiam, compondo um banco de dados que revelava não apenas a localização do problema, mas a forma como cada ponto se constituía.

O resultado desse levantamento foi um mapa detalhado do território, com **102 pontos de acúmulo em Acarape e 56 em Redenção**.

O Semear tinha em mãos um retrato preciso do que, para muitos, era só mais um elemento do cenário cotidiano.

Fonte: acervo do projeto (2014).



Com o mapa pronto, a equipe passou a apresentá-lo em escolas, igrejas e outros espaços comunitários de Acarape e Redenção, sempre como convite à conversa sobre limpeza urbana e saúde pública.

Fonte: Relatório do projeto.



Apresentação do mapeamento na E. E. F. José Neves de Castro (2014).

As fotos feitas pelos estudantes eram mostradas isoladamente, apenas o ponto de acúmulo, sem identificar a rua ao redor. Mesmo assim, a reação vinha rápida. Daniela conta que era comum alguém reconhecer o lugar no mesmo instante. “Era muito curioso, porque a gente às vezes mostrava a foto específica do ponto de acúmulo, e algumas pessoas reconheciam, ‘esse ponto é da minha rua’.”

O mapeamento deixava de ser só um registro técnico e passava a funcionar como espelho: devolvia ao olhar da comunidade aquilo que a familiaridade já havia naturalizado.



Apresentação do mapeamento na igreja evangélica templo central em Acarape - CE (2014).

Fonte: Relatório do projeto.



Apresentação do mapeamento na E. E. F. Antônio Crisóstomo. (2014).

Fonte: Relatório do projeto.



Fonte: site da Unilab

Professora Daniela em apresentação do mapeamento a gestores da prefeitura de Acarape e Redenção (2014)

A circulação do mapa trouxe outra consequência: a constatação de que boa parte daqueles pontos persistia por falta de um serviço básico previsível.

Em Acarape, onde Daniela morava, o caminhão do lixo não tinha horário nem dia definidos, o que empurrava muitos moradores para práticas improvisadas de descarte.

O Semear levou essa discussão à prefeitura, apresentando o levantamento e argumentando pela necessidade de tornar pública a rota da coleta. A resposta não veio de imediato e, às vezes, surgia de modo quase informal.

Daniela lembra que, certa vez, encontrou um funcionário da secretaria no supermercado e ouviu: “olha, não está passando hoje porque o caminhão deu problema”.

Para ela, aquilo não era vigilância, mas o efeito natural de um trabalho que havia dado visibilidade ao problema.

“A gente gerou esse mapa, a gente mostrou para a secretaria. Não era só uma cobrança, era um estímulo de dizer: **olha, isso aqui existe**”, resume.

O

retorno do Semear para o poder público não ficou restrito ao calendário da coleta. Nas idas e vindas pelas ruas, outra cena insistia em chamar a atenção da equipe: a rotina dos garis. Faltavam luvas, botas, proteção básica.

Daniela lembra do trabalhador da prefeitura que varria a rua onde morava empurrando um fundo de geladeira adaptado como carrinho, equipamento improvisado para um serviço que exigia muito mais do que aquilo oferecia.

Reunião com os catadores e profissionais da limpeza urbana e secretaria municipal de obras do município de Acarape (2014).



Fonte: Relatório do projeto.

O mapa dos pontos de acúmulo já mostrava um problema amplo, mas a presença diária desses trabalhadores expunha uma parte ainda mais crua da estrutura urbana.

A conversa com a prefeitura, então, passou a incluir também a necessidade de condições mínimas para quem lidava diretamente com o lixo da cidade.



Fonte: Relatório do projeto.

O

avanço do Semear pelos primeiros territórios logo chamou atenção para além de Acarape e Redenção. Foi assim que o projeto chegou ao bairro Jereissati III, em Maracanaú, na Região Metropolitana de Fortaleza, levado pela iniciativa de Giovanildo, técnico-administrativo da Unilab que já conhecia o trabalho de Daniela e acreditava que o projeto poderia ajudar a comunidade onde morava.

Ele apresentou à professora a EEIEF Nelly de Lima e Melo, uma escola que possuía canteiros de alvenaria instalados por um programa governamental anterior, mas que há anos aguardavam orientação técnica para voltar a funcionar como horta.

A direção abraçou a ideia de receber o Semear e abriu espaço para um curso de agricultura urbana dirigido a funcionários, moradores e estudantes do entorno. Entre 2016 e 2017, o projeto passou a integrar o cotidiano da escola, conduzindo oficinas de plantas medicinais, atividades no canteiro, trocas de mudas e encontros que devolviam significado a um espaço verde antes desativado.

A presença do Semear em Maracanaú mostrou que sua metodologia também podia fazer sentido longe dos circuitos mais familiares de Acarape e Redenção.

Era mais um dia de trabalho na guarita quando Carlos soube que haveria um curso de agricultura urbana na escola onde trabalhava, no Jereissati III. Porteiro da EEIEF Nelly de Lima e Melo, ele viu naquilo uma chance de aprender algo que pudesse usar no próprio quintal.

Pediu à diretora para participar. Ela autorizou e ainda pediu que ajudasse no canteiro que o Semear planejava reativar. Carlos entrou para a turma junto com moradores e estudantes do bairro, acompanhando as aulas e as atividades práticas que o projeto conduziu ali.

Ao final do curso, a turma fez uma visita à Unilab. Carlos foi junto. Levou nas mãos um pote para plantas que ele mesmo havia construído a partir de resíduos recolhidos das ruas.

Entregou o presente a Daniela e disse, segundo ela recorda, “agora eu sou um cuidador de plantas”. Na mesma conversa, fez a cobrança que mudaria a forma como o Semear estruturava seus cursos: “É importante a gente ter uma certificação, para que eu possa me apresentar como jardineiro. E eu tenho esse curso.” Foi a partir da fala de Carlos que o projeto começou a oferecer certificados em seus cursos e oficinas.

Nos meses seguintes, Carlos passou a aplicar o que aprendera. Organizou o próprio quintal, montou cobertura, cultivou plantas ornamentais e começou a vender mudas e vasos feitos de resíduos reciclados nas feiras de Maracanaú, como Daniela descreve.

Em uma visita à casa dele, ela ouviu uma frase que ampliava ainda mais o alcance daquela formação: “agora sou um cuidador de plantas doentes”.

Ele contou que, na feira, as pessoas o procuravam para falar sobre suas plantas que estavam morrendo. Carlos pedia que as levassem até ele, transportava as mudas para casa, cuidava delas e devolvia a planta recuperada depois de algum tempo.

A história de Carlos permaneceu na memória de Daniela como um dos episódios que mais sintetizam o impacto do Semear.

“Agora sou um cuidador de plantas doentes.”

Carlos

A presença dos estudantes no Semeiar também mudava a forma como eles entendiam o próprio curso. Daniela lembra que, nas idas aos quintais e às hortas, teoria e prática deixavam de ser blocos separados. As dúvidas surgiam do solo, e não só dos livros: uma planta que adoecia antes de tempo, uma praga que adoecia a vegetação, uma demanda da família que exigia pesquisa para além do conteúdo já visto em sala.

“Às vezes, o estudante vai procurar sobre uma doença da planta antes mesmo de aprender aquilo na disciplina”, conta a professora. “E isso dá sentido ao ensino.”

Para ela, extensão em agroecologia significa exatamente isso: trabalhar junto à comunidade, aprender com os moradores e, ao mesmo tempo, devolver ferramentas que pudessem fortalecer o cotidiano local. “Você não está indo lá para ensinar”, explica, “está indo para aprender, mas proporcionando às pessoas uma prática que já era delas, incentivando, talvez, a higienização melhor da planta, o cultivo, e assim vai.”

Você não está indo lá para ensinar, está indo para aprender, mas proporcionando às pessoas uma prática que já era delas, incentivando, talvez, a higienização melhor do alimento, o cultivo da planta, e assim vai.

Daniela Zuliane

O segundo mapeamento de Acarape e Redenção foi feito dois anos depois do primeiro.

Ao comparar os registros, Daniela encontrou um dado que lhe intrigava: em 2014, haviam sido identificados 56 pontos de acúmulo de lixo; em 2016, esse número saltava para 94.

A chave para entender o fenômeno estava fora do mapa. Com a consolidação da Unilab, estudantes e servidores passaram a viver no entorno da universidade, ampliando a população local e, junto com ela, a quantidade de resíduos que circulavam pelas ruas.

O que surpreendeu Daniela foi o paradoxo que emergia desse cenário. “Mesmo sendo um público universitário de servidores e estudantes, o problema não diminuiu. Isso é uma grande interrogação”, pontua ela.

Fonte: relatório do projeto



Georreferenciamento dos pontos de acúmulo de resíduos da cidade de Redenção realizado nos anos de 2014 e 2016., respectivamente.

Mesmo sendo um público universitário de servidores e estudantes, o problema não diminuiu. Isso é uma grande interrogação.

Daniela Zuliane

Cristina Menezes estava preparando algumas mudas no quintal de casa, em Aratuba, quando a pergunta lhe veio: por que não estudar agronomia? Tinha crescido ajudando os pais na plantação da família, mas nunca havia pensado em transformar aquela prática em profissão.

Na época, cursava História na Universidade Estadual do Ceará, mas acabou decidindo pela mudança e ingressou na Unilab em 2023.1. Logo no primeiro semestre, teve aula com a professora Daniela, cuja maneira de falar sobre agroecologia e extensão ampliou o horizonte que Cristina imaginava para si.

A aluna recém-chegada ainda não sabia, mas seria no Semear que ela aprenderia que a extensão pode mudar profundamente a maneira como um estudante entende o próprio curso.

Em busca de um espaço onde pudesse unir estudo, pesquisa e contato real com a comunidade, Cristina encontrou no Semear o caminho que procurava.

Ingressou no projeto no terceiro semestre, depois de ter ouvido Daniela apresentá-lo em aula e de reconhecer ali a prática que faltava na formação. “Se você não tiver disciplinas voltadas para campo, a sua saída é a extensão”, afirma a discente.

**Se você não tiver
disciplinas voltadas
para campo, a sua
saída é a extensão.**

Cristina Menezes

Ao iniciar suas atividades no Semear, Cristina percebeu que a extensão exigia outro tipo de trabalho: as questões que chegavam até ela vinham das pessoas e não dos livros.

Foi quando entendeu a distância entre o que já havia estudado e o que precisava responder no campo. “Você estuda, estuda, estuda várias questões de bioquímica, mas quando um agricultor chega e pergunta algo que é urgente pra ele, a teoria foge”, lembra.

No projeto, aprendeu que antes da recomendação técnica vinha a escuta. Era preciso entender a situação da família, o estado da plantação, o manejo usado ali.

A extensão introduzia um aprendizado construído junto, no ritmo e nas necessidades das famílias e agricultores que recorriam ao projeto em busca de orientação.

Você estuda, estuda, estuda várias questões de bioquímica, mas quando um agricultor chega e pergunta algo que é urgente pra ele, a teoria foge

Cristina Menezes

O meu trabalho pode afetar muito a vida das pessoas positivamente e, se eu fizer um mau trabalho, negativamente

Cristina Menezes

À medida que se envolvia nas atividades do Semear, Cristina percebeu que a extensão não ensinava apenas técnicas, mas também a responsabilidade das decisões que um profissional da agronomia precisa tomar.

Cada dúvida que chegava até ela tinha consequências reais para o plantio, para a renda e para a rotina das famílias atendidas. “O meu trabalho pode afetar muito a vida das pessoas positivamente e, se eu fizer um mau trabalho, negativamente”, diz.

Mesmo tendo crescido entre agricultores, foi ali que entendeu o alcance desse compromisso e a necessidade de tratar cada orientação com cuidado.

E foi na busca de assumir com responsabilidade as orientações que dava no Semear que Cristina percebeu como a extensão podia mudar seu entendimento do curso.

Lembrou-se da disciplina Métodos Participativos, cursada no primeiro semestre, que não lhe despertara grande entusiasmo. “Eu lembro que na época que eu fiz essa disciplina, eu fiquei assim, eu entendi que tinha utilidade, mas não tanta.” No campo, porém, recorreu a um dos métodos aprendidos e viu o alcance que ele tinha. “Foi extremamente importante para garantir que os agricultores se sentissem bem e eu pudesse obter as informações necessárias de forma respeitosa.”

A experiência deixava claro que certos aprendizados só revelam seu potencial quando encontram um uso real.

Cristina já participava do Semear como voluntária, mas foi ao assumir a posição de bolsista do projeto que descobriu um outro nível de exigência.

Além das atividades em campo, precisou coordenar a equipe de estudantes, articular tarefas entre diferentes espaços e mediar o andamento das ações com agricultores, escolas e instituições parceiras.

A função exigia habilidades que ela não imaginava exercitar tão cedo: liderança, organização coletiva, capacidade de ouvir e de orientar. “Que disciplina vai te ensinar a coordenar uma equipe? Que disciplina vai te ensinar a conversar com o agricultor? A ter esse exercício de paciência e também de saber escutar e entender o que é importante? É algo que a disciplina não vai te ensinar”, diz.

Ser bolsista ampliou o escopo da formação, impulsionando Cristina a desenvolver competências que nenhum conteúdo de sala de aula cobria.

Que disciplina vai te ensinar a coordenar uma equipe? Que disciplina vai te ensinar a conversar com o agricultor? A ter esse exercício de paciência e também de saber escutar e entender o que é importante?

Cristina Menezes

A experiência no projeto levou Cristina a perceber que a agronomia podia atravessar campos que ela não imaginava. O trabalho na Unidade de Saúde de Vazantes, em Aracoiaba, deixava isso evidente: ali, o Semear ajudava a montar um horto comunitário junto aos profissionais da unidade e aos moradores, produzindo alimentos e plantas medicinais sem agrotóxicos.

A parceria foi possível porque a médica Aline Werneck, também professora da Unilab, reconheceu no Semear um aliado para pensar saúde a partir da alimentação.

Para Cristina, essa relação fazia sentido imediato. “O que a gente come diz muito a respeito da nossa saúde. O que a gente come determina nosso estado de saúde no futuro”.

A interdisciplinaridade revelava que a formação agronômica não se limitava ao manejo do solo, mas alcançava o bem-estar das comunidades com as quais o projeto atuava.

Extensionistas do Semear em visita a agricultores de Vazantes (2025)

Entre as experiências do Semear, foi a vivida na comunidade de Vazantes que mais marcou Cristina.

Um grupo de agricultores cultivava lotes cedidos pela Fundação Fé e Alegria e, após orientações da instituição, precisava iniciar uma transição agroecológica.

Eles vinham de um histórico de uso de fertilizantes, herbicidas e pesticidas para “controlar as necessidades do plantio”, como ela descreve, e a mudança parecia difícil. “Eles ficaram pensando ‘não vou conseguir mais fazer nada’. Se ele não pode manter uma praga ou uma doença, o plantio dele vai acabar”, conta.

A Fundação, que conhecia o trabalho da professora Daniela, chamou o Semear para apoiar o processo e construir alternativas com o grupo.

Para Cristina, era a primeira vez em que precisava, de fato, oferecer subsídios para ajudar agricultores a fazer “uma outra agricultura”.

Fonte: Instagram do projeto



O diagnóstico rural participativo revelou a urgência: em quase todos os lotes, o feijão estava tomado por pulgões.

Os agricultores, acostumados ao inseticida, tentavam contornar o problema com adubação foliar, que “até queimava os pulgões”, mas não resolia e saía caro, além de danificar planta e solo. Ao perceber o tamanho da infestação e o pouco tempo disponível, Cristina decidiu que o projeto precisava intervir rápido.

Havia desconfiança de parte do grupo. “Eles estavam um pouco duvidosos, viu? ‘Será que esses meninos, tudo novinho, vão realmente conseguir fazer alguma coisa?’”. Mas também havia abertura: “O que você trouxer aí para eu usar, eu uso. O que você trouxer, eu testo”, lembra.

Cristina resolveu apresentar um preparado simples, à base de óleos vegetais e detergente, para tentar controlar a praga sem recorrer aos agrotóxicos.

Cristina caminha com colega do Semear e agricultor de Vazantes (2025).

Fonte: Instagram do projeto



Na visita seguinte, Cristina viu que o cenário havia mudado: a população de pulgões havia reduzido de forma visível e os agricultores queriam repetir o preparado. “Olha, aquela mistura, aquele preparado que nós usamos, funcionou. E eu quero aplicar de novo”, ouviu de um deles.

A reação teve impacto direto sobre ela. “Eu fiquei muito feliz e eu fiquei esperançosa.” A experiência mostrou que a transição agroecológica podia avançar com alternativas simples, de baixo custo e sem risco à saúde. “Você não precisa fazer coisas extraordinárias. Muitas vezes você só vai precisar ter mais cuidado, observar mais. Mas funciona.”

Naquele dia, Cristina saiu com a confiança renovada na agroecologia, na extensão e no próprio trabalho. “Você não está perdendo tempo. É possível. Dá para fazer”.



Você não está perdendo tempo. É possível. Dá para fazer

Cristina Menezes

Avivência em Vazantes também ajudou Cristina a definir o caminho que queria seguir na pesquisa.

Desde o início do curso, ela se interessava por conservação do solo, mas foi no Semear que entendeu a centralidade desse tema para a agricultura que acompanhava no campo. “Se você tem um solo saudável, você não precisa colocar muitas coisas artificiais lá”, diz.

O projeto trabalhava justamente métodos de manejo que reduzissem a dependência de fertilizantes e insumos químicos, e isso reforçou sua escolha de estudar solos no Trabalho de Conclusão de Curso.

*Cristina caminha com colega do Semear e agricultor de Vazantes (2025).
Fonte: Instagram do projeto*

O interesse no tema se aprofundou quando passou a atuar também no Consaf, projeto de pesquisa e extensão coordenado pela professora Ivanilda Aguiar. Com humor, Cristina descreve Ivanilda e Daniela como “uma duplinha”, sempre trabalhando em parceria. “O Consaf e o Semear são irmãos”, comenta.

Para Cristina, participar dos projetos significava ter acesso direto às professoras, receber textos, discutir métodos e retomar dúvidas que não cabiam na sala de aula. “Estar na extensão e na pesquisa é como estar na faculdade versão premium”, ela brinca.

“”

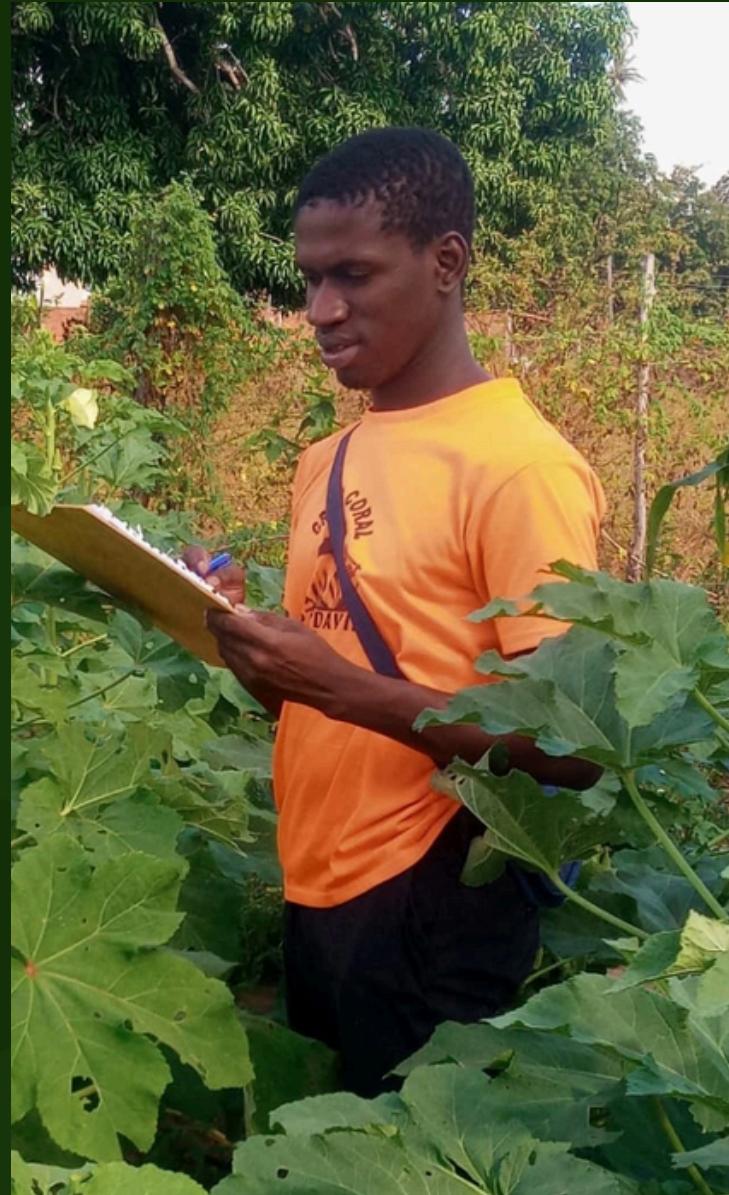
**Estar na extensão e
na pesquisa é como
estar na faculdade
versão premium**

Cristina Menezes

Fonte: Acervo do projeto



Extensionistas do Semear em ação em Vazantes (2025).



Fonte: Acervo do projeto

Nos encontros com escolas e outros espaços de juventude, Cristina passou a enxergar outra frente do Semear: apresentar a universidade a quem raramente se enxerga nela.

Era comum ouvir adolescentes dizerem que gostavam de agricultura, mas não se imaginavam estudando aquilo. “Dificilmente ele vai se ver no ensino superior estudando sobre isso”, afirma.

O projeto aproveitava as visitas para apresentar a Unilab, falar do curso e da assistência estudantil e mostrar que o ensino superior estava ao alcance deles. Esses momentos revelavam, para ela, o alcance social do projeto. “É importante ir para as escolas, mostrar para eles as possibilidades de estudo e de fazer uma coisa diferente.”

Cristina destaca que muitos jovens não se enxergam no ensino superior, e que parte do trabalho do Semear é justamente aproximar a Unilab deles. “A gente diz: essa universidade é pública, é gratuita, e ela é para você. Estude, porque ela é para você.”

Esse cuidado, lembra, vinha sobretudo de Daniela, que fazia questão de levar o nome da Unilab aos espaços comunitários.

Professora Daniela apresentando a Unilab para estudantes do EEMPC Maria Nazaré de Sousa (2025).



Fonte: Instagram do projeto

**Essa universidade é pública,
é gratuita, e ela é para você.
Estude, porque ela é para você!**

Cristina Menezes

Passada mais de uma década desde aquela primeira xícara de café na janela, Daniela entende que a cidade tem seu próprio tempo. “O que eu achava que ia ser um pouco mais rápido não tá sendo”, admite.

O lixo e as questões estruturais ainda avançam devagar, mas o projeto encontrou outro terreno onde a mudança germina mais depressa: as pessoas. De Carlos, que reinventou o próprio ofício, a Cristina, que descobriu na extensão um rumo que antes não imaginava, o Semear mostrou que sua colheita mais valiosa nunca esteve limitada ao que nasce do solo.

Ao levar a agroecologia para os quintais e escolas, o projeto acabou cultivando algo mais perene: uma geração de profissionais e cidadãos que aprenderam a olhar para o próprio território e perceber, onde antes parecia haver apenas estagnação, um campo possível de transformação.



Fonte: Instagram do projeto

MATÉRIA VIVA

Você acaba de ler a edição de estreia da seção Matéria Viva.

Esta seção reúne reportagens construídas a partir de entrevistas com estudantes, docentes, técnicos e pessoas das comunidades que participam dos projetos de extensão da Unilab. As matérias são organizadas a partir das falas, dos percursos e das experiências relatadas, compondo narrativas que acompanham o trabalho extensionista em seu cotidiano.

Matéria Viva registra práticas em andamento, decisões tomadas no campo, relações construídas ao longo do tempo e os efeitos desse trabalho na formação de quem participa.

Cada texto nasce do encontro entre universidade e território, atento aos contextos específicos em que a extensão acontece.

Ao reunir essas histórias, a revista constrói um arquivo da extensão como ela é vivida: situada, coletiva e em movimento. Um registro que preserva experiências, trajetórias e aprendizados que ajudam a compreender o papel da extensão na Unilab hoje.

Obrigada por chegar até aqui.

Amanda Ingridy
Assistente em Administração
Editora da Seção 4 - Matéria Viva

Extenser: Conexões que transformam,
Redenção/CE, V. 1, N. 1, 2025

